

# Turismo sustentável no Brasil: utopia ou possibilidade?

## Sarah Strachman Bacal

Livre Docente em Turismo pela Escola de Comunicações e Artes – USP; Doutora e Mestre em Turismo pela Escola de Comunicações e Artes – USP; Professora Titular do curso de Turismo da Escola de Comunicações e Artes – USP; Professora convidada do MBA em Gestão de Negócios em Turismo e Hospitalidade – Uninove.  
São Paulo – SP [Brasil]  
[sarahbacal@yahoo.com.br](mailto:sarahbacal@yahoo.com.br)

## Ana Julia de Souza Melo

Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM; Mestre em Turismo, Planejamento e Gestão Ambiental e Cultural – Unibero; Professora do MBA em Gestão de Negócios em Turismo e Hospitalidade – Uninove; Professora do curso de Bacharelado em Turismo – Uninove; Professora do curso de Tecnologia em Hotelaria – Uninove.  
São Paulo – SP [Brasil]  
[anjutur@gmail.com](mailto:anjutur@gmail.com)

## Gloria Maria Widmer

Doutora e Mestre em Turismo pela Escola de Comunicações e Artes – USP; Coordenadora do MBA em Gestão de Negócios em Turismo e Hospitalidade e do MBA em Gestão Ambiental – Uninove; Coordenadora do curso de Bacharelado em Turismo e de Tecnologia em Hotelaria – Uninove; Professora do curso de especialização em Gestão Mercadológica do Turismo – ECA/USP.  
São Paulo – SP [Brasil]  
[gloria@uninove.br](mailto:gloria@uninove.br)

## Raquel da Silva Pereira

Doutora em Ciências Sociais pela PUC – SP; Mestre em Administração pela PUC – SP; Coordenadora e Professora do curso de Bacharelado em Administração – Senac-SP.  
São Paulo – SP [Brasil]  
[raquelspereira@uol.com.br](mailto:raquelspereira@uol.com.br)

Neste artigo, serão discutidas as relações entre o homem, o meio ambiente e a atividade turística, considerando que essa atividade está centrada, principalmente, na exploração dos recursos naturais e culturais de um local, região ou país. A sedução que o turismo exerce nas regiões de economia frágil e detentoras de recursos naturais atrativos induz ao pensamento da atividade como milagrosa para quebrar o círculo vicioso de estagnação da economia e representa a vinda de investimentos externos cada vez maiores. Nesse contexto, a atividade turística põe em movimento milhões de pessoas que procuram mobilizar seu tempo livre anual em viagens turísticas, buscando paisagens diferentes daquelas de seu cotidiano, e exercer atividades não impostas pelo ritmo de trabalho e pelo ambiente opressor dos centros urbanos. Para acompanhar esse ritmo, muitas localidades receptoras, inclusive no Brasil, empreendem uma espécie de corrida desenvolvimentista que não tem como prioridade a proteção da natureza, da cultura ou do bem-estar das comunidades envolvidas, configurando o turismo como destruidor dos lugares que o fazem existir.

**Palavras-chave:** Ambiente. Desenvolvimento. Sociedade. Sustentabilidade. Turismo.

## 1 Introdução

As mudanças provocadas pelo avanço tecnológico dos meios de produção, a grande modernização dos transportes, assim como a sofisticação dos meios de comunicação, alteraram o modo de vida dos indivíduos na sociedade contemporânea. As relações primárias entre eles passaram a ser instrumentais, gerando a solidão do homem em meio a multidões. A vida atribulada para satisfazer as necessidades e aspirações pessoais faz que o cotidiano da maioria da população se torne estressante. Essa situação pode ser mudada por meio do lazer turístico durante as férias – atualmente remuneradas –, quando é possível fazer uma pausa.

Por outro lado, o turismo pode ser fator tanto de crescimento econômico quanto de desenvolvimento social. Para isso, é preciso que haja um cuidadoso planejamento nos locais em que ele se desenvolve. Assim, neste trabalho, a atividade turística é apresentada como um dos setores que podem gerar crescimento econômico conjugado ao desenvolvimento social, em particular nos países emergentes.

No decorrer do texto, destacam-se três condições que devem ser consideradas para que haja maior proveito dos benefícios advindos da atividade turística, sem custos sociais elevados: o turismo como gerador de empregos, a melhoria da infra-estrutura e a qualificação profissional. Quando esses elementos não são considerados, a população arca com os efeitos negativos do crescimento desordenado do turismo, sem usufruir de seus benefícios e sem que a atividade possa servir de fator favorável para o desenvolvimento sustentável da localidade.

Sabe-se que parte considerável das localidades brasileiras ainda se desenvolve sem grande preocupação com práticas relacionadas ao planejamento turístico de atividades e empreendimentos, à proteção ambiental e à necessidade de capacitação profissional ou de inserção produtiva das comunidades autóctones nos contextos turísticos vivenciados em seus territórios. Em razão desse quadro, neste artigo, busca-se contribuir com as discussões acerca de alternativas viáveis para o turismo sustentável, acrescentando

argumentos a idéias expostas por outros autores sobre a possibilidade de consenso entre turismo, desenvolvimento socioeconômico e proteção ambiental no Brasil.

## 2 Turismo: nova necessidade ante a urbanização

Tanto o século XX quanto o início do XXI se caracterizam como períodos marcados por grandes transformações em diversos aspectos. As cidades se transformaram rapidamente, sem respeitar sua memória ou a de seus habitantes. Atualmente, não se respira mais o ar puro da cidade antiga, os letreiros luminosos de propaganda geram poluição visual e cresce a poluição sonora, reflexo de intensa movimentação de pessoas e automóveis.

A expansão territorial feita sem planejamento é um dos fatores responsáveis pelo crescimento desordenado, pelo aumento acelerado da densidade demográfica bem como pela constante e rápida urbanização. Em decorrência disso, extinguem-se os espaços arborizados, os locais de lazer escasseiam e a vida saudável é prejudicada pela falta de infra-estrutura básica que deveria acompanhar esse desenvolvimento.

A comunidade local presencia, a cada instante, a destruição dos patrimônios históricos, culturais e arquitetônicos. Os atrativos naturais e culturais transformaram-se em mercadorias para a construção dos não-lugares<sup>1</sup>, perdendo, assim, sua identidade, tornando-se locais estranhos aos próprios moradores.

A conjuntura da sociedade atual provoca alterações no comportamento dos indivíduos. As relações pessoais sofrem transformações, os encontros com os amigos deixam de ser freqüentes, os risos nas calçadas já não são ouvidos e as festas de bairro comemorativas de datas religiosas encontram-se agonizando. O vizinho é um anônimo qualquer, e o “outro”, apenas mais um transeunte. Pelas ruas, transitam carros blindados com vidros escuros e pessoas assustadas, estressadas e sempre atrasadas para seus compromissos.

Enquanto crianças de nível socioeconômico alto brincam, confinadas em condomínios fechados, com seus jogos eletrônicos, sua recrea-

ção e socialização são feitas em clubes privados, outras, que representam a maioria na população e que habitam casas modestas ou grandes favelas, brincam nas ruas, expostas aos perigos do cotidiano.

Essa situação apresenta certo grau de distanciamento entre as pessoas, o que, para Hogarth (apud DENKER; BUENO, 2003, p. 117), “[...] expressa a desordem do espaço urbano”. À medida que as relações primárias<sup>2</sup> escasseiam, surgem, em seu lugar, as multidões de anônimos temerosos, solitários e infelizes.

É nesse contexto que as cidades são construídas e crescem, transformando-se em metrópoles e depois em megalópoles<sup>3</sup>. Apesar de possuírem construções arquitetônicas de valor, o desrespeito e o desprezo pela paisagem natural fazem com que as áreas verdes e os locais para lazer, paulatinamente, desapareçam, proliferando os espaços de lazer privados.

A sociedade atual, caracterizada por transformações na estrutura e nas dinâmicas sociais, provoca alterações no comportamento dos indivíduos. Em razão dessa realidade, certas atividades que antes não faziam parte dos desejos de parcela significativa da população tornaram-se objetivos a ser alcançados para melhorar a qualidade de vida. É o caso, por exemplo, da atividade turística, que antigamente era item de consumo da elite, sem influência marcante na economia global, e que, atualmente, apresenta-se, cada vez mais, como fenômeno socioeconômico significativo, na medida em que surge como bem da categoria de “grande consumo”.

### **3 Turismo como alternativa de desenvolvimento... mas planejar é preciso**

Estimulado por fatores ligados às formas de produção, ao crescimento acelerado das regiões urbanas industrializadas, ao ritmo da vida laboral e à mudança nos valores que impulsionam o consumo de bens, o turismo cresce ininterruptamente.

As atividades ligadas às férias, como as de lazer, talvez sejam as mais importantes para os que vivem nos grandes centros urbanos, em decor-

rência de sua duração e da sedução que exercem (DUMAZEDIER, 1973). Segundo pesquisa realizada com trabalhadores em São Paulo<sup>4</sup> (SP), entre os lazeres o turístico é o mais desejado.

Com o aparecimento dos vãos fretados e o aumento de rendimento da classe média nos países industrializados, na década de 1960, o turismo mudou de escala, democratizando-se. Em decorrência do grande crescimento verificado nas últimas décadas, transformou-se em fenômeno de consumo de massa, tornando-se relevante para as economias de diversos países e/ou regiões.

Esse grande número de viagens nacionais e internacionais, inegavelmente, beneficia um sem-número de países em desenvolvimento e as regiões periféricas de países desenvolvidos. São locais que apresentam atrativos turísticos em abundância, tais como sol, mar, areia, campos e montanhas. Nesses ambientes, encontram-se mão-de-obra barata e governos dispostos a fazer concessões, a fim de lograr uma fonte contínua de divisas de que tanto necessitam.

Com todos os benefícios que a expansão do turismo pode trazer a esses locais, é preciso refletir cuidadosamente sobre seu crescimento desordenado. Devem-se ampliar pesquisas para analisar com mais cautela os custos e os benefícios trazidos pelo “boom” turístico e as medidas que devem ser tomadas para maximizar os benefícios e, ao mesmo tempo, minimizar os custos ambientais e sociais.

Atualmente, almeja-se um crescimento econômico vinculado ao desenvolvimento social e se questiona sua validade sem equilíbrio e sem a distribuição dos benefícios para a população.

O turismo é um dos comportamentos humanos que não seguem a lei do decréscimo marginal de necessidades: quanto mais se viaja, mais se quer viajar. Com isso, seu crescimento contínuo é incontestável. As crises econômicas abrandam seu desenvolvimento, modificam suas formas e conteúdos, mas não reduzem a demanda.

É preciso, porém, que se analise o fenômeno para conhecer em que direção se dá esse crescimento e se os países em desenvolvimento participam, de maneira significativa e responsável, dessa evolução.

Geralmente, as regiões turísticas se situam em áreas periféricas em que predomina o setor primário da economia. A pesca é uma das atividades principais em muitas dessas áreas, que apresentam atrativos turísticos como o mar, o sol e um clima que permita usufruir o turismo durante o ano todo. As regiões costeiras do Brasil apresentam esse perfil, exceto aquelas no Sudeste e no Sul do País, que têm um verão com tempo limitado.

No turismo, os relacionamentos primários são preponderantes e as atividades realizadas caracterizam-se como “discricionárias”, ou seja, realizam-se sem imposição de ordem familiar ou social. Segundo Bacal (2003, p. 98), “[...] são atividades discricionárias aquelas realizadas por livre arbítrio e que se efetivam no tempo livre [...]”. São os lazeres!<sup>5</sup>

As atividades de lazer turístico possibilitam o conhecimento de novos lugares, novas culturas e pessoas, expandindo o universo cognitivo do indivíduo e, ao mesmo tempo, despertando sentimentos de bem-estar e satisfação, o que contribui para a melhoria de sua qualidade de vida. Ainda por meio do turismo, o indivíduo se desloca para fugir da rotina, do estresse causado pela violência urbana e dos relacionamentos humanos secundários.

É com base nesses desejos e necessidades que o turismo ganha força, configurando-se, na maioria das vezes, como opção econômica para localidades que não possuam vocações industriais, mas que apresentam abundância de atrativos naturais e/ou culturais.

Justamente nessas regiões, onde se verifica a estagnação econômica pela falta de investimentos, a atividade turística rompe com o que Nurske (apud SESSA, 1983) denomina de círculo vicioso de pobreza:

O processo negativo em espiral que se desenvolve numa economia em que uma frágil demanda não permite acréscimo adequado dos investimentos e a deficiência desses últimos não permite um incremento dessa demanda. Esse quadro de estagnação geral da economia é agravado pela carência de poupança, que

não permite um investimento produtivo gerador de demanda (NURSKE apud SESSA, 1983, p. 37).

Para que haja ruptura no círculo vicioso de pobreza nas regiões de economia débil, é preciso que uma entrada de capital permita novos investimentos que possibilitem aumentar a demanda, o que, por sua vez, provocará aquecimento dos investimentos produtivos.

Sob esse aspecto, a atividade turística pode-se apresentar como força motriz que viabiliza um processo de desenvolvimento capaz de agir sobre os fatores fundamentais da formação de capital, constituindo alternativa eficaz para o desenvolvimento. Alguns fatores contribuem para isso, como demonstrado em estudos apresentados por Lage & Milone (1991) Beni (2002) e Ruschmann (2002):

- A primeira fase do processo de crescimento do turismo se caracteriza pelo aparecimento de pequenas pousadas, que a população local oferece aos turistas que descobriram o lugar. Nessa fase, não há necessidade de grandes investimentos.
- A segunda fase é aquela em que alguns membros da região ou dos locais vizinhos investem em pousadas ou pequenos hotéis mais sofisticados. Nessa etapa, ainda não há necessidade de mão-de-obra qualificada; entretanto, o fluxo aumenta pela propaganda “boca a boca” e os serviços devem ser mais aperfeiçoados.
- A atividade turística gera um efeito multiplicador e maior atividade econômica, levando à última etapa de crescimento, quando os investidores e as agências começam a prestigiar o lugar, incluindo-o entre as destinações para um turismo massivo.

Por essas razões, muitas regiões periféricas com vocação turística começam a vislumbrar no turismo a panacéia para todos os seus males, como a atividade que proporciona crescimento econômico, possibilita o desenvolvimento social, cria alternativas de emprego para mão-de-obra inativa e não-qualificada, gera distribuição de

renda e traz melhorias e reconhecimento para a localidade, entre outros.

Partilhando da visão apresentada por Kadt, já em 1979, não há dúvida de que esses efeitos advindos do turismo são reais; no entanto, é preciso cautela em relação a esse crescimento, pois o desconhecimento dos custos sociais dessa nova realidade pode frustrar as expectativas, com conseqüências perversas tanto social quanto culturalmente, assim como para a preservação do meio ambiente.

O desenvolvimento deixou de concentrar-se apenas na busca do máximo de lucros com o mínimo de investimentos para voltar-se também contra a destruição dos recursos naturais. Atualmente, defende-se um crescimento que considere a necessidade de realizar um trabalho que conscientize as pessoas da importância de proteger o meio ambiente. Portanto, um dos grandes problemas que se impõem ao turismo é como alcançar os objetivos de crescimento econômico e desenvolvimento social, com a maximização de benefícios e minimização de custos.

#### **4 Desafios para um turismo sustentável**

Em razão da forma normalmente desestruturada com que uma região turística se desenvolve, o esgotamento dos recursos naturais, a descaracterização do patrimônio cultural e a desestruturação da rede social são inevitáveis. Já o turismo sustentável é aquele que, com base no planejamento e estruturação de suas práticas, considera a conservação ambiental, a autenticidade cultural e ainda a inclusão social, buscando sempre a qualidade dos serviços prestados, viabilizando a perenidade da atividade.

Segundo o Acordo de Mohonk, produzido em 2000, nos Estados Unidos, o turismo sustentável pode ser entendido como aquele que visa minimizar impactos ecológicos e socioculturais, enquanto promove benefícios econômicos para as comunidades locais e países receptores.

A Organização Mundial de Turismo (OMT) (2001) afirma que um desenvolvimento sustentável do turismo satisfaz as necessidades dos turistas

atuais e das regiões receptoras, ao mesmo tempo que protege e aumenta oportunidades no futuro. Assume-se que leva a um manejo de todos os recursos, de modo que necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas, enquanto a integridade cultural, processos biológicos essenciais, diversidade biológica e sistemas de suporte da vida são mantidos.

Assim, gerar empregos, desenvolvimento social, mercado de trabalho para a população excedente e contribuir para a conservação ambiental são os grandes desafios do turismo para que corresponda às expectativas apregoadas.

Pertencendo, em sua etapa final, ao setor terciário da economia, a oferta turística ocupa posição relevante no contexto global de uma região, uma vez que o produto turístico agrega elementos diversificados de diferentes setores da economia, a exemplo das atividades de transformação nos setores de alojamento, bebidas, alimentação, atividades agrícolas, transportes, vestuário e artesanato.

O turismo engloba uma série de atividades que mantêm interdependência estrutural com todos os setores econômicos, de modo que pode ser considerado atividade relevante para a política econômica nacional.

Um dos desafios com os quais o turismo se defronta é criar empregos para os moradores e, conseqüentemente, impulsionar o crescimento econômico para toda a população. Geralmente, o que acontece é que os empresários dos diferentes setores turísticos são beneficiados com a vinda de turistas para o local, enquanto a maioria dos habitantes arca com os custos. Uma procura superior à oferta de alimentos, por exemplo, produz elevação nos preços, situação agravada pelo deslocamento da mão-de-obra da agricultura, da pesca, entre outras áreas, para o setor turístico; a necessidade de “importar” dos centros mais desenvolvidos elementos da culinária concordes com os desejos gastronômicos dos visitantes é fator de empobrecimento das localidades.

Caso não haja planejamento na política econômica regional, o turismo gerará custos econômicos e sociais, tais como a alta de preços dos alimentos e a carência de mão-de-obra na agricultura, na pecuária e na pesca.

Outra variável a ser considerada é a vinda de mão-de-obra de outras regiões para preencher as funções mais qualificadas, o que deixará a população local sem empregos, especialmente aqueles sem qualificação e treinamento para as funções requeridas. A sazonalidade do turismo vem, nesse caso, piorar a situação, pois não propicia que haja continuidade no emprego.

Diante desses problemas, resta saber como inverter esse quadro. Um dos caminhos será planejar prioritariamente a transformação da agricultura de subsistência, em de média escala, mediante o emprego de uma moderna tecnologia e, assim, alcançar maior produtividade, que possa resultar em aumento de oferta. Esse programa deve ser elaborado e posto em prática com o apoio dos governos locais e regionais, utilizando recursos e pessoal das secretarias de agricultura do Município e do Estado.

Nas outras funções ligadas diretamente aos serviços turísticos, facultar cursos e treinamentos em convênio com instituições de ensino proporcionaria não somente qualificação aos iniciantes, mas também aperfeiçoamento aos que trabalham no setor para realizar tarefas mais específicas. Cabe lembrar que, nos países desenvolvidos, já existem programas de treinamento para atuação na atividade turística que podem servir de referência para ações nesse sentido, no Brasil.

Além disso, o inventário das condições existentes na localidade, principalmente no que se refere aos atrativos naturais, culturais, infra-estrutura básica e turística e a respectiva análise de dados por equipes multidisciplinares, poderá fornecer subsídios para planejar o uso consciente e equilibrado dos recursos ambientais e para melhorar ou adequar um suprimento eficiente de mão-de-obra, por meio de treinamento e capacitação em diversos níveis e setores. Tais ações configuram-se como necessidade para satisfazer a demanda presente e futura dos negócios turísticos.

## 5 Considerações finais

Observa-se que o turismo pode contribuir para a sustentabilidade, desde que haja políticas públicas direcionadas ao planejamento e seu

acompanhamento, seja no âmbito econômico, sob a forma de divisas e impostos para as localidades receptoras, seja no contexto ambiental, desde que ocorram ações voltadas à proteção dos atrativos naturais e culturais das localidades. Ainda sob o aspecto da sustentabilidade social, políticas públicas voltadas a ações de inclusão profissional das comunidades locais geram trabalho e renda.

Os impactos causados pelo turismo estão vinculados às condições gerais da região e à natureza das modificações sociais e econômicas. Todo processo de crescimento da atividade turística nos países ou regiões em desenvolvimento é acompanhado de mudanças nos domínios socio-cultural e ambiental.

Enquanto os efeitos econômicos do turismo são amplamente estudados em quase todos os países, as conseqüências no âmbito sociocultural têm sido bastante negligenciadas. No primeiro caso, podemos quantificar suas ações, como, por exemplo, conhecer seu posicionamento no setor de exportação, nos ingressos provenientes dos gastos dos visitantes, sua contribuição ao PIB, sua grandeza na expansão do mercado de trabalho. Ao contrário, em se tratando dos efeitos sociais, culturais e ambientais, a objetivação é muito difícil, pois os resultados são qualitativos. Além disso, há dificuldade em avaliar seu poder de alteração dos usos, costumes e ambientes, porque existe influência de outros fatores – em particular dos meios de comunicação. Isso impede que se avalie, com clareza, o efeito isolado do turismo nesse contexto.

O turismo é um processo de encontro entre duas culturas diferentes: a dos autóctones e a dos visitantes, que vai resultar, minimamente, em modificação da visão de mundo por parte dos nativos e exigirá maior compreensão dos costumes da terra para os turistas.

Aliar crescimento econômico, preservação ambiental e desenvolvimento social é um dos maiores desafios para a atividade turística sustentável. Nesse sentido, ações e programas turísticos devem estar associados ao planejamento global do desenvolvimento da região, para que se possa trilhar um caminho de inclusão social por meio da atividade turística, contribuindo para o alcance de um desenvolvimento efetivamente sustentável.

## Sustainable tourism in Brazil: utopia or possible way?

The work deals with relations between man, the environment and tourism, considering that this activity is focused mainly on the exploitation of the natural and cultural resources of a place, region, or country. The seduction that tourism carries in the regions of weak economy and holding of attractive natural resources leads to the thought of the activity as a miracle to break the vicious circle of stagnation of the economy and represents the coming of foreign investment increasing. In this context, the tourism puts in motion million people seeking mobilize their free time in annual tourist travel, searching landscapes different from those that are part of their daily life, and exerting activities not imposed by the pace of work and the oppressive environment of the urban centers. To track this rate, the receiving localities end up taking some kind of developmental race that does not have the protection of nature, culture, or the welfare of the involved communities as priority, justifying statements on tourism as a destroyer of the places, which are responsible for its existence.

**Key words:** Development. Environment. Society. Sustainability. Tourism.

## Notas

- 1 Termo criado por Marc Augé ao se referir a localidades em que a cultura globalizada mascara a identidade e os costumes locais.
- 2 São pessoais íntimas e espontâneas com quem os indivíduos tendem a compartilhar suas experiências particulares. Têm uma significação intrínseca em vez de serem instrumentais, são avaliadas por si mesmas, e não como meios para outros fins.
- 3 Metrópole é o termo utilizado para designar a cidade principal ou capital de um determinado país ou província, ou alguma cidade que, por algum motivo, exerce influência (cultura, social, econômica) sobre as demais cidades da região metropolitana. A megalópole constitui-se a partir do aglomerado de várias metrópoles ou regiões metropolitanas. Ambos os termos se referem a tipos de aglomerações urbanas.

- 4 “A análise dos dados demonstrou que nas três categorias (de trabalhadores) dá-se independente da renda. Ele corresponde a 86,6% da população total da amostra. O desejo sendo a representação psicológica da necessidade manifesta-se sem relação com o poder de satisfazê-lo [...]” (BACAL, 1988, p. 78).
- 5 Lazer: “atividades realizadas no tempo livre”. Designando-se o tempo livre como aquele que não sofre imposições laborais, familiares ou sociais.

## Referências

- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BACAL, S. *Lazer e o universo dos possíveis*. São Paulo: Aleph, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Lazer: teoria e pesquisa*. São Paulo: Loyola, 1988.
- BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. 6. ed. São Paulo: SENAC, 2002.
- DENKER, A. de F.; BUENO, S. B. (Org.). *Hospitalidade, cenários e oportunidades*. São Paulo: Thomson, 2003.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- KADT, E. *Tourism pour le développement ?* Washington: Unesco, 1979.
- LAGE, B.H.G.; MILONE, P. C. *Economia do turismo*. Campinas: Papirus, 1991.
- OMT. *Introdução ao turismo*. São Paulo: Roca, 2001.
- RUSCHMANN, D. van de M. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- SESSA, A. *Turismo e política de desenvolvimento*. Porto Alegre: Uniontur, 1983.

Recebido em: 13 jun. 2006 / aprovado em: 18 dez. 2006

### Para referenciar este texto

BACAL, S. S. et. al. Turismo sustentável no Brasil: utopia ou possibilidade? *Revista Gerenciais*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 175-181, 2007.

